

A BIBLIOGRAFIA FOLKLÓRICA DO RIO GRANDE DO SUL

O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, desde a sua fundação, em 1920, incluiu entre os seus objetivos o estudo do folklóre. O artº 1º dos seus primitivos estatutos era assim redigido: "O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, com séde social em Pôrto Alegre, tem por fim promover estudos e investigações que se relacionem com a história, geografia, arqueologia, etnografia, palentologia do Brasil e especialmente do Rio Grande do Sul, e bem assim cultivar o folklóre riograndense e a língua dos indígenas que habitaram e dos que ainda habitam êste Estado." -

Reformando êsses estatutos, em 1944, manteve o preceito: "estudar o folklóre regional e as linguas dos indígenas do Brasil, com especialidade a dos povos que habitaram, e dos que ainda habitam, o território rio-grandense".

Em 1920, como em 1944, figurou sempre, entre as comissões permanentes da casa, a de "folklóre e lingua dos indígenas".

Não seria perfeita, talvez, a discriminação da matéria. O próprio designativo da comissão está a denunciar que incidíamos, e reincidíamos, em um conceito pouco nítido, algo impreciso, de folklóre. Nem por isso, porém, fica menos evidenciado que os sócios do Instituto, dos primeiros aos atuais, tinham a consciencia da relevancia do estudo folklórico e o situavam, rigorosamente, no terreno das investigações históricas.

Associando-nos, com a reunião especial de hoje, á Semana Folklórica, que óra se realiza nesta capital, não nos moveu, portanto, um simples, quasi protocolar sentimento de hospitalidade, ou mesmo de cordialidade mental, em relação aos folkloristas ilustres que visitam o Rio Grande, e que temos a honra e a alegria de acolher, neste momento, na simplicidade, na quasi humildade do nosso rancho. Associamo-nos, de maneira mais cabal e mais completa, porque damos aos trabalhos da Semana Folklórica um significado que corresponde, com absoluta exatidão, á sua importância, certos de que desses trabalhos decorrerão para nós consequências e resultados de utilidade fóra de qualquer duvida.

Entendeu o plenário que seria de algum interesse, para os estudiosos extranhos ao Estado, uma vista de conjunto sâbre a bibliografia folklórica do Rio Grande do Sul. Uma indicação de fontes, embóra sem análise crítica,

que o momento não comporta, valeria como uma contribuição modesta do Instituto ao programa da "Semana". E o egregio presidente, cumprindo energeticamente a decisão do plenário, descarregou sobre mim, sem tirtre nem guarte, a dolorosa incumbencia de desfiar diante de vós, monotona, cansativamente, um ról de títulos de velhos livros, de jornais antigos, de almanaques quasi esquecidos, de publicações quasi clandestinas, e um longo rosario de nomes proprios: - fórma bem pouco cortês de vos pagar o fino praser espiritual do vosso convívio...

De tudo, na vida, se pôde tirar uma lição, se a vida é bem observada. Colhereis, hoje, mais um elemento para a compreensão da nossa psicologia... Nós, os gauchos, somos assim: abrimos largamente, alegremente, as portas da nossa casa ao viandante; ficamos em verdade felizes ao recebe-lo; mas que se muna, o viandante, de evangelica paciencia, porque, quanto á conversa, somos nós que falamos, e falamos como entendemos...

A resenha bibliográfica, que vou tentar, deve ser considerada folklórica dentro de certos têrmos e limites. Nêla terei de incluir, e até por um imperativo de justiça, referencias a trabalhos cujos autores não pensariam siquér em folklóre. Em alguns dêles, entretanto, vamos encontrar utilissimas indicações sôbre a matéria. Em outros, descrições dos nossos costumes, das nossas técnicas de trabalho, das nossas velhas danças, da musica e da poesia populares, das nossas lendas, das coisas do passado em fim, que constituem, em muitos casos, os únicos elementos ao nosso alcance, na tarefa ingente e complexa de restaurar as usanças do nosso povo, perdidas no tempo, e tão necessárias á compreensão da alma e das tendencias desse povo, das suas peculiaridades, dessa originalidade viva, incisiva, marcante, que só a pesquisa folklórica consegue traduzir a rigor.

Etnografia e folklóre, em dias idos, (e não sei se em dias atuais), eram conceitos que facilmente se confundiam, e que difficilmente se discriminavam. Nada de extranho, em consequencia, que nós, estudando o folklore gauchó, tenhamos de nos arrimar a autores e livros que se não detinham, intencionalmente, sôbre a matéria.

Cabe a primazia, cronologicamente, aos viajantes estrangeiros que havendo percorrido o Rio Grande deixaram em seus livros impressões sôbre a terra e sôbre a gente.

John Luccock por aqui andôu, na madrugada do século XIX, e nas "Notas sôbre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil" consignou aspéctos

interessantíssimos do Rio Grande dessa época. Quer sôbre nossos hábitos domésticos, quer sôbre os nossos vestuários, quer sôbre certas condições da nossa atividade, quer sôbre assuntos militares, quer sôbre a situação dos escravos, Luccok faz observações valiosas. O seu livro, editado na Inglaterra, em 1920, teve uma tradução parcial, em 1935, sob o título "Aspectos rio grandenses", da editora "Record", do Rio de Janeiro, e tradução integral, em 1942, da Livraria Martins, de S. Paulo.

Arsene Isabelle, em 1835, publicou no Havre o seu livro "Voyage a Buenos Ayres et a Porto Alegre, par la Banda Oriental, les Missions d'Uruguay et la Province de Rio Grande do Sul - de 1830 a 1834" - livro que teve, em 1943, tradução argentina, da Editorial Americana; tradução parcial, de Dante de Laytano, em 1946, e tradução brasileira de Theodomiro Tostes, da Editora Zelio Valverde, em 1949.

Nicolau Dreys viveu alguns anos no Rio Grande e publicou "Notícia descritiva da Provincia de S. Pedro do Sul", em 1839, no Rio de Janeiro, com reedição da "Biblioteca rio-grandense", em 1927, sob os cuidados de Alfredo Ferreira Rodrigues, prestimoso e ilustre estudioso da história gaucha. Na descrição de Dreys, graças a sua permanencia no meio, há mais vida, mais segurança, maior riqueza de minúcias.

Segue-se Saint Hilaire, - Voyage a Rio Grande do Sul", publicado em Orleans, em 1867, com tradução, feita com supressão de capítulos, em 1935, por Leonam de Azevedo Pena, da "Amel Editora", do Rio de Janeiro.

Alguem, - e creio que foi o meu presado confrade Darcy Azambuja, - chamou Saint Hilaire de "avô da sociologia rio-grandense". A frase define bem a importância do livro do sábio francês para o estudo do Rio Grande do Sul. Observador atento e arguto, espírito aberto a todas as curiosidades, Saint Hilaire enfeixou em suas paginas uma cópia riquíssima de dados e informações, realmente imprescindíveis ao conhecimento da nossa vida no passado. Traços moraes, e traços físicos do gaúcho do tempo; aspectos variados da nossa vida social; das nossas festas, da nossa indumentária, da nossa alimentação, dos nossos povoados, das nossas habitações, das nossas igrejas, das nossas danças e musicas, de tudo isso se encontram referencias na obra do naturalista gaulez.

Em 1886, Herbert Smith publicou "Do Rio de Janeiro a Cuyabá", livro reeditado, em 1922, pela Cia. de Melhoramentos. Vários capítulos dizem respeito ao Rio Grande, que o autor visitou mais recentemente, descrevendo as

zonas do Estado por êle percorridas.

Há a lembrar, ainda, "A província do Rio Grande do Sul", que Henrique ^{L. Ambauez} ~~Shuttel Ambauez~~ publicou na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", bem como o trabalho de Jean ^{Charles Moore} ~~Chaves Moore~~, "De la colonisation dans la province de S. Pierre de Rio Grande do Sul", editado em Hamburgo, em 1863, no qual se destaca o capítulo IV, sobre o caracter dos habitantes da Província.

Encontram-se, ainda, informações que não são destituídas de interesse, no livro de Elysée Reclus, "Estados Unidos do Brasil", publicado em 1900, em edição Garnier, com tradução e notas de Ramiz Galvão; em "Dez anos no Brasil", de Carl Seidler, edição de Leipzig, em 1835, com tradução da "Livraria Martins", de 1941; em "Contribuições para a história da guerra entre o Brasil e Buenos Ayres", publicado em Berlim, em 1834, de autor anônimo, que Rio Branco presume ser o barão Carl de Leenhof, também traduzido em edição de 1946, da mesma Livraria Martins.

Existe, a mais, um livro de Semple Lisle, que arribou ao Rio Grande, em 1797, e deixou algumas impressões, aliás muito pitorescas, sobre a região sul do Estado. Não conheço o livro; mas há dêle um bem feito resumo em "Visitantes do Brasil Colonial", de Afonso de Taunay, edição da "Brasiliense", de 1933. -

=====

Para o exame de assuntos folklóricos, ou a êles relacionados, no Rio Grande do Sul, é imprescindível a consulta a algumas publicações periódicas, onde se encontram, aqui e ali, notícias, informações, crônicas, comentários e ensaios. Já na "Revista do Partenon Literário", embora incidentalmente, tais achêgds se nos deparam: uma lenda, quasi desconhecida; a descrição de uma festa, ou de um vestuário; a indicação de um uso; notações esparsas, mas esclarecedôras.

Duas délas, porém, são de tal relêvo e importância que não me seria possível tentar, sequer, um balanço da matéria que nélas se contem. Refiro-me ao "Anuário do Rio Grande do Sul", fundado e dirigido pelo Dr. Graciano de Azambuja e, nos últimos anos, pelo Dr. Alcides Cruz, e ao "Almanaque do Rio Grande do Sul", da direção de Alfredo Ferreira Rodrigues. Néssas duas coleções, que infelizmente já vão rareando, os estudiosos irão encontrar preciosas contribuições; e a verdade é que nélas ficou resguardada a parte maior e mais rica do nosso patrimônio folklórico. Fontes perênes de consul.

ta, o "Anuário" e o "Almanaque" constituem a verdadeira origem de muita coisa que sobre a espécie corre divulgada.

Na "Revista" do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul encontraremos: "Síntese da poesia popular rio-grandense considerada como factor histórico", de José Paulo Ribeiro, e "Tembetás", de Francisco Rodolfo Simch, em 1924; "Sociedade gaucha", de João de Deus Martins, "Campestre de Santo Antônio", de João Belem, e "Lendas rio-grandenses", de Roque Callage, em 1925; "Poesia do povo", de Walter Spalding, em 1933; "Mais um pouco de folclores", de Walter Spalding, em 1934; "Notas e apontamentos sobre a cana de açúcar em Osorio", de Fernandes Bastos, em 1938; "Os farreiros na poesia popular gaucha", de Fernando Callage, em 1940; "Etnologia sul riograndense", de Tupi Caldas, em 1942; "A poesia ao serviço da história", de Walter Spalding, e "A carreta do Rio Grande do Sul e do sul de Mato Grosso", de Bernardino de Souza, em 1943; "Relatório científico das viagens de estudos etnográficos", do Pe. Balduino Rambo, e "Cronica das cavalhadas", de Felix Contreiras Rodrigues, em 1946.

A "Revista do Museu e Arquivo Público do Rio Grande do Sul", correspondente ao ano de 1928, publicou:

"Subsídios etnográficos", de Carlos von Kosetitz; "Primitivos habitantes do Rio Grande do Sul", de Otto Luedecke; "Os coroados do Rio Grande do Sul", de Reinaldo Hensel; "O ciclo das lendas do ouro na bacia do Uruguay", do P. Carlos Teschaner, e "Sambaquis", de Theodoro Bischoff.

A "Província de S. Pedro" divulgou: "A gaita na música rio-grandense", de Paulo Guedes, no nº 1; "Introdução ao estudo do cancionero gaúcho", de Augusto Meyer, no nº 4; "Folclore guasca e açoriano", de Cecilia Meireles, no nº 6; o "Tatú", de Augusto Meyer, no nº 6; "O velho Coruja e o seu vocabulário", de Walter Spalding, nos nºs 7, 8, 9 e 10; "Notas de folclore gaúcho-açoriano", de Cecilia Meireles, no nº 8; "A tirana", de Augusto Meyer, no nº 9; "As congadas do sul do Brasil", de Roger Bastide, no nº 10; "Adagiário gaúcho", de Victor Russomano, nos nºs 12 e 13; "Os prateiros do Rio Grande do Sul", de De Farenhos Antunes, no nº 13.

No coleção do Arquivo Municipal, de Porto Alegre, eu colecciono, de J. M. Belem, diversas contribuições sobre o assunto.

— Nos "Anais" dos Congressos históricos aqui realizados foram incluídos os seguintes trabalhos: nos do 1º, "A coberta d'alma" de Fernandes Bastos e "Primitivos habitantes do Rio G. do Sul", de Aurelio Porto; nos do 2º, o

"Vocabulário dos pescadores do Rio Grande do Sul", de Dante de Laytano; nos do 3º, "Seis mitos gauchos", de Luiz da Camara Cascudo, e "Dois seculos de linguegem portugêsa", de Elpidio Paes. -

.

Na parte atinente aos vocabulários, poderemos indicar os seguintes: "Vocabulário riograndense", de Pereira Coruja, publicado inicialmente na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1851; "Popularismo sul rio-grandense", de Apolinário Porto Alegre, de que só conheço a pequena parte publicada em 1921, no 1º número da "Revista" deste Instituto; "Vocabulário sul riograndense", de J. Romaguêra Corrêa, de 1898; "Vocabulário gaúcho", de Roque Callage, de 1926; "Vocabulário sul rio-grandense", de Luiz Carlos de Moraes, de 1935; "Os africanismos do dialeto gaúcho", de Dante de Laytano, em separata da "Revista" deste Instituto, de 1936; "Adagiário gaúcho", de Victor Russomano, de 1938.

Alguns autores, em obras de caráter regional, fizeram-n'as acompanhar de pequenos vocabulários, necessários á boa compreensão do texto; entre eles que eu saiba, estão Cezimbra Jacques em "Ensaio sobre os costumes do Rio Grande do Sul" e "Assumptos do Rio Grande do Sul"; Darcy Azambuja em "No galpão"; Vieira Pires em "Querencia"; Lassance Cunha, em "O Rio Grande do Sul" e Manoel Duarte em "No planalto".

- - - - -

Um dos aspectos do folklore em que somos mais pobres, em dados, no Rio Grande do Sul, é o que diz respeito ás nossas técnicas de trabalho. Mesmo no que se refere ás lidas campeiras, largo tempo predominantes, quasi exclusivas, entre nós, as usanças do passado se foram rapidamente perdendo. A industrialização crescente da pecuária modificou substancialmente o panorama da nossa vida.

As cercas de arame, que hoje limitam e confinam os pampas, out'ora abertos e imensos; o valor econômico que uma rês passou a representar; o transporte do gado feito preferencialmente pelas vias-férreas; a alteração social das relações entre os fazendeiros e os seus elementos auxiliares, como capatazes e peões, tudo isso fez desaparecer as fórmulas de vida, pitorescas e típicas, do gaúcho antigo, que não tivemos o cuidado de preservar com o interesse e o carinho que bem mereciam.

Parar um rodeio; domar um pôtro; fazer uma trópe; voltear um gado algado; dar um pialo de colher; carnear, ao lado da mangueira, um terneiro de sobre-ano, não mais o sabemos fazer ^{a praxeito} e, o que é mais grave, vamos esquecendo de como se fazia...

Tivemos, outora, extraviados nas coxilhas do Rio Grande, artífices admiráveis - trançadores e prateiros, que realizavam milagres artísticos na feitura dos apêros dos nossos cavalos, ou nas bombas e nas cuias do nosso chimarrão, ou nos cabos das nossas facas e punhais. Muito pouco sabemos desses artistas anônimos e humildes. Muito pouco sabemos até sobre a execução dos trabalhos das nossas xarqueadas; e dos lanchões e chalupas que singraram os nossos rios, dando às populações ribeirinhas um teor de vida diferente; e das carretas, das carretilhas, ou mesmo das diligências, ainda próximas de nós, que percorriam e cruzavam as nossas estradas e caminhos.

Indicações esparsas é o que encontraremos, no "Almanaque da villa de Porto Alegre", de Manoel Antonio de Magalhães, de 1808; ou nas "Memorias Economo-Políticas", de Antonio José Gonçalves Chaves, de 1822, reeditados pela "Revista" deste Instituto; ou em uma ou outra cronica, de Aquiles Porto Alegre. Severino de Sá Brito, em 1928, publicou um livro, "Trabalhos e costumes dos gauchos", que vale como uma excelente contribuição no assunto.

Sobre a herve-mate, o Pe. Carlos Teschauer, em "Porandubá rio-grandense", de 1929, dá-nos uma longa e minuciosa descrição, a que devemos acrescentar o recente trabalho de um moço, o snr. Luiz Lessa, publicado no ano transato.

De Paranhos Antunes, em "Prateiros do Rio Grande do Sul", publicado na "Província de S. Pedro", faz o primeiro estudo, segundo me parece, dos nossos artífices; e outro moço, o snr. Carlos Galvão Krebs, acaba de examinar o mesmo assunto, em "Prataria gaucha".

- - - - -

Sobre a nossa música popular também é pequena a lista de contribuições. Na obra "Rio Grande do Sul - Imagem da terra gaucha", de 1942, da "Editora Cosmos", o professor Enio de Freitas e Castro publicou "Música popular do Rio Grande do Sul", o mais desenvolvido estudo, de que tenho ciencia, sobre a matéria. Em 1940, o maestro Ernani Braga divulgou um "Cancioneiro gaúcho". Em pequeno trabalho, a que já aludi, Paulo Guedes discorreu sobre a gaita, em 1945. Textos musicais, existem no "Anuário do Rio G. do Sul", de 1.903, e no livro "Amores do Capitão Paulo Centeno", de Felix Contreiras

Rodrigues, edição de 1937. Nas suas "Histórias" da música brasileira, Renato Almeida e Guilherme Mello trazem, sobre as melodias do Rio Grande, comentários e observações esclarecedoras, de relevante interesse. E no seu livro recente, edição Globo, deste ano, "Música popular brasileira", a snra. Oneyda Alvarenga examina quasi todas as músicas típicas do Rio Grande.

Fóra disso, conheço apenas dois topicos de Mario de Andrade, em "Música do Brasil".

Há a lembrar, ainda, um trabalho de Luiz Heitor sobre o compositor rio-grandense Luiz Cosme, no nº 5, de 1940, da revista "Música viva".

Quanto ao aproveitamento de motivos folklóricos gauchos em obras musicais, conheço as realizações de Assuero Garritano, do aludido Luiz Cosme, principalmente em "Salamanca do Jaú"; ~~de Victor Neves~~; de Victor Neves; de Radamés ^{Gnateli} ~~Gnateli~~, de Roberto Eggers, na opera "Farrapos" e Ernani Braga, cuja harmonisação de "Prenda minha" vulgarisou-se muito.

- - - - -

O proecto folklórico brasileiro Luiz da Camara Cascudo, além do trabalho que já referi, occupou-se de coisas gauchas em "Tradições folklóricas rio-grandenses", publicado na obra citada "Imagem da terra gaucha", como em "Antologia do folklóre brasileiro", de 1943, e "Geografia dos mitos brasileiros", de 1947. Referencias também se encontram em "O Folklóre do Brasil", do snr. Basilio de Magalhães, de 1939.

Entre nós, creio que o primeiro nome a recordar é o velho Pereira Coruja. No seu "Vocabulário", nas suas "Antigualhas", que a Revista dêste Instituto reimprimiu, em 1947, e em outros trabalhos, Antonio Alves Pereira Coruja semeou uma grande cópia de informações, utilíssimas aos estudiosos de coisas do passado.

Segue-se a grande figura de Apolinário Porto Alegre. Além do "Populário", em livros como "O vaqueano", "Feitiços de uns beijos", "O crioulo do pastoreio", "Cancioneiro da revolução de 1835", e outros, Apolinário deixou episódios e cenas em que o passado revive, com os seus costumes, a sua linguagem, as suas festas. Graças á sua cultura, excepcional na época e no meio, Apolinário foi realmente um grande precursor nos estudos dessa natureza.

Um alemão, Carlos von Koseritz, radicado á Província, interessou-se pela etnografia, e assim pelo folklóre do Rio Grande do Sul. Publicou, na

"Gazeta do Porto Alegre", a primeira, ou uma das primeiras, coletaneas das nossas trovas populares, antecipando-se de muito ao "Anuário do Rio Grande do Sul", que delas divulgou, em muitos de seus volumes, grande número, e a Mucio Teixeira que em 1920, em "Os gauchos", esboçou um cancioneiro guasca.

Além disso, Koseritz é autor dos trabalhos a que me referi anteriormente, a que se deve acrescentar "Beschreibung der Provinz Rio Grande do Sul", edição alemã, de 1863 -

Cezimbra Jacques, com "Ensaio sobre os costumes do Rio Grande do Sul", de 1883, e "Assumptos do Rio Grande do Sul", de 1912, ocupa lugar de indiscutível relevo entre os nossos estudiosos. Sobre certos aspectos do folklóre gaúcho, como a dança popular, esses seus livros são de consulta obrigatória.

Nos fins do século passado, entre 1889 e 1896, João Mendes da Silva, *com o pseudônimo de João de Deus*, editou nesta capital três livros interessantes, "Índia rio-grandense", "O campeiro rio-grandense", e "O sertanejo rio-grandense", nos quais há preciosas indicações, principalmente sobre as nossas danças e músicas antigas.

Em 1899, em edição da "Livraria Americana", desta cidade saiu a lume o "Rio Grande do Sul para as escolas", de J. Pinto Guimarães, em que há muitas descrições dos nossos trabalhos de campo, referências à nossa agricultura, quadras populares e poesias regionais, e anotações sobre *relhos* danças antigas do Rio Grande.

Chegamos, assim, a Simões Lopes Netto. Não há que comentá-lo, pois que ele é de sobejo conhecido, como expressão altíssima do folklóre do Rio Grande do Sul. Em 1910, "Cancioneiro guasca", que em 1928 estaria na 3ª edição; em 1912, "Contos gauchescos"; em 1913, "Lendas do Sul"; em 1926, "Contos gauchescos e Lendas do Sul", em um só volume, reeditado em 1949 pela "Livraria do Globo" - eis a contribuição, sem dúvida incomparável, de Simões Lopes Netto.

Roque Callage, em "Terra Natal", de 1920, e "No fogão do gaúcho", de 1929, incluía os capítulos "Tradições populares", "Aspectos da nossa poesia popular", "As nossas lendas" e "Cancioneiro amoroso", como faria Alcides Maya, com "Lendas do Sul", e, recentemente, Augusto Meyer, em "Prosa dos pagos", de 1943, com os ensaios "Negrinho do pastoreio", "A salamanca do Jaçau" e "O Lunar de Sepé".

Antônio Stenkel Filho em "A villa da serra", de 1924; "Fernandes Bastos em "Noite de Reis", de 1935, e Albino Coutinho em "A estância e as cartas", também de 1935, e "A gaucha", de 1937, enriqueceram as páginas de seus livros com muitas descrições de aspectos da velha sociedade rio-grandense. E dos costumes de Porto Alegre antiga, Athos Damasceno Ferreira traça um excelente quadro em "Imagens sentimentais da cidade", de 1940. Sobre esta capital, existem, mais, algumas crônicas de Aquiles Porto Alegre e Gastão Hasslocher Mazon.

Em algumas monografias sobre municípios do Estado, encontram-se referências e indicações sobre lendas, tradições e costumes das respectivas regiões. Entre elas, a "História do município de Santa Maria", de João Belem, de 1933, e "Pelo passado" e "Seara velha", de 1922 e 1932, de Francisco Antonino Xavier de Oliveira.

Do Pe. Taschler há ainda a referir "Avifauna e flora nos costumes, superstições e lendas brasileiras e americanas", cuja 3ª edição, da Globo, é de 1924.

Em 1945, Dante de Laytano e Enio de Freitas e Castro publicaram "As congadas do município de Osório", com versos e textos musicais coligidos nessa localidade, e que eu creio que assinala a primeira tentativa de verdadeira pesquisa folklórica no Rio Grande do Sul, a que se seguirá, logo depois, uma colêta de músicas regionais, no nordeste do Estado, pelo professor Luiz Heitor, sob os auspícios da Associação Rio Grandense de Musica.

Em relação aos usos e costumes dos nossos indígenas, é de justiça recordar as informações de Augusto Porto Alegre, em "Fundação de Porto Alegre", edição de 1906, ~~de onde se tirou o material para a presente obra, e que se encontra no Arquivo do Rio Grande do Sul.~~

- - - - -

Aí tendes, com as fatais e inevitáveis omissões, de que desde já me penitencio, invocando em meu favor a ^{resenha} ~~bôa-fé~~, sem dúvida imperfeita e incompleta, da bibliografia folklórica do Rio Grande do Sul. -